

CAPÍTULO 1

Embora nunca tenha participado em qualquer filme, cresci no mundo do cinema. Rudolfo Valentino esteve presente na festa do meu quinto aniversário — foi o que me contaram. Escrevo isto apenas para indicar que, mesmo antes da idade da razão, me encontrava numa posição que me permitia observar tudo o que se passava à minha volta.

Uma vez, pensei em escrever as minhas memórias, *A Filha do Produtor*, mas, aos dezoito anos de idade não se consegue realizar tal projecto. Talvez tenha sido uma bênção — teria sido tão inócuo como um dos artigos regularmente escritos pela Lolly Parsons¹. O meu pai fazia parte da indústria cinematográfica, com a mesma naturalidade com que outro homem podia estar ligado à indústria do algodão ou à do aço, e, por isso, aceitei tranquilamente esse facto. Na pior das hipóteses, eu aceitava Hollywood com a resignação de um fantasma a quem é destinada a assombração de uma casa. Sabia o que se esperava que uma pessoa devesse pensar de Hollywood mas mostrava-me obstinadamente não escandalizada.

Isto é fácil de dizer mas difícil de fazer com que os outros compreendam. Quando estava em Bennington, alguns dos professores de inglês que pretendiam mostrar-se indiferentes em relação a Hollywood ou às suas produções sentiam pela indústria cinematográfica um *ódio* profundo. Sentiam-na, bem no fundo da alma, como uma ameaça à sua própria existência. Mesmo antes dessa época, quando estava a estudar num convento, uma freira, pequena e encantadora, pediu-me que lhe arranjasse um guião de um argumento cinematográfico para poder «ensinar aos seus alunos algo sobre a escrita cinematográfica», tal como lhes explicara o que era um ensaio ou um conto. Arranjei-lhe o guião, e suponho que o estudou com espanto, e mais espanto, mas nunca chegou a mencionar o assunto aos alunos, e devolveu-mo com um ar de surpresa ofendida e sem fazer o menor comentário.

Uma pessoa pode aceitar naturalmente Hollywood, como eu fiz, ou pode ignorar a sua existência com o desprezo que reservamos para as coisas que não compreendemos. Também se pode compreender Hollywood mas apenas de um modo obscuro e por lampejos repentinos e passageiros. Nem sequer meia dúzia de homens conseguiu manter a completa equação fílmica na cabeça. E é possível que o mais perto que uma mulher pode aproximar-se daquela instituição é tentando compreender um desses homens.

Conhecia o mundo visto de um aeroplano. O meu pai sempre nos fez viajar de avião, para trás e para diante, quando frequentávamos o liceu e a universidade. Depois da morte da minha irmã, era eu ainda uma adolescente, passei a viajar sozinha, e a viagem obrigava-me sempre a recordá-la, fazendo-me sentir solene e oprimida. Por vezes, iam no mesmo avião pessoas que conhecia do mundo do cinema e, ocasionalmente, ia um universitário atraente — mas, durante os anos da depressão, isso não era muito frequente. Para falar verdade, raramente dormia durante a viagem — dominada pela recordação da Eleanor e a sensação daquela vasta extensão de costa a costa — pelo menos, até termos deixado aqueles aeroportos minúsculos de Tennessee.

Esta viagem era tão dura que, logo de início, os passageiros se dividiam em dois grupos: os que se preparavam imediatamente para dormir e os que não queriam de todo dormir. Estavam dois do último tipo em frente de mim, e tinha a certeza, pelo que depreendia da sua conversação fragmentada, que pertenciam a Hollywood — um deles, porque o seu aspecto não enganava: um judeu de meia-idade que, alternadamente, falava com uma excitação nervosa ou então ficava sentado todo curvado como se estivesse pronto a saltar como uma mola, mantendo-se num silêncio angustiante; o outro era um sujeito pálido, vulgar, encorpado, de cerca de trinta anos de idade, que tinha a certeza de já ter visto antes. Tinha ido a nossa casa ou qualquer coisa no género. Possivelmente fora a nossa casa quando me vestiam ainda de menina; portanto não me senti ofendida por não me reconhecer.

A hospedeira — alta, bonita, morena flamejante, um tipo que parecia ser a preferência da companhia — perguntou-me se podia preparar o leito.

— E, minha querida, quer uma aspirina? — Empoleirou-se num dos lados do assento e começou a balançar precariamente de um lado para o outro, movida por um furacão de Junho. — Ou prefere um comprimido de Nembutal?

— Não.

— Tenho estado tão ocupada com os outros passageiros que não tive tempo de lhe perguntar. — Sentou-se a meu lado e pôs-nos os cintos de segurança. — Quer pastilha elástica?

Isto lembrou-me que era altura de me libertar da pastilha que já estava a enfastiar-me há horas. Embrulhei-a num pedaço de papel arrancado a uma revista e deitei-a para dentro do cinzeiro automático.

— Sei sempre quando as pessoas são simpáticas — disse a hospedeira com sinais de aprovação —, é quando embrulham as pastilhas elásticas num pedaço de papel antes de as deitarem fora.

Durante algum tempo ficámos sentados, envoltos nas meias luzes do avião que balançava. Parecia, vagamente, um restaurante pretensioso no período da penumbra entre as refeições. Estávamos todos amolecidos — e não inteiramente por nossa vontade. Creio que até a hospedeira tinha de se recordar constantemente da razão por que estava ali.

Falámos ambas de uma actriz jovem que eu conhecia, com quem ela viajara, dois anos antes, na direcção de este-oeste. Fora no ponto mais baixo da depressão, e a jovem actriz olhava fixamente para o exterior da janela, de uma maneira tão atenta que a hospedeira chegou a recear que estivesse a pensar na hipótese de saltar pela janela. Contudo, segundo parece, ela não estava com medo da pobreza, mas sim de uma revolução.

«Eu sei o que a minha mãe e *eu* vamos fazer», confessou à hospedeira. «Vamos para o Parque de Yellowstone e viveremos na maior simplicidade até tudo isto passar. Depois, voltamos. Eles não matam os artistas, sabe?»

A perspectiva agradou-me. Despertou em mim a imagem da actriz e da mãe a serem alimentadas por dóceis ursos Tory trazendo-lhes mel, e por delicadas corças levando-lhes uma quantidade extra de leite extraído às fêmeas e que depois se mantinham perto de ambas para lhes servirem de almofadas à noite. Depois, contei à hospedeira o caso do advogado e do director que, uma noite, contaram a meu pai os seus planos naqueles tempos corajosos. Se o exército da beneficência conquistasse Washington, o advogado tinha um barco escondido no rio Sacramento, e remaria contra a corrente durante alguns meses e depois regressaria «porque precisavam sempre de advogados depois de uma revolução para porem em ordem as questões legais».

O director inclinava-se mais para um estado de espírito derrotista. Guardara um fato velho, uma camisa e um par de sapatos — nunca disse se lhe pertenciam ou se os tinha arranjado no departamento do guarda-roupa do estúdio — e ia «desaparecer na multidão». Lembro-me de o meu pai dizer: «Mas eles vão olhar para as tuas mãos! Vão aperceber-se de que não fazes nenhum trabalho manual há anos! E vão pedir-te que mostres o cartão do teu sindicato.» Lembro-me de como o director ficou com uma expressão de desânimo, e como estava deprimido enquanto comia a sobremesa, e de como todos eles me pareciam cómicos e fracos.

— O seu pai é actor, Miss Brady? — perguntou a hospedeira. — O nome não me é estranho.

Ao ouvirem o nome Brady, ambos os homens que estavam do outro lado da passagem central do avião levantaram os olhos. Miraram-me de soslaio — aquela maneira de olhar típica de Hollywood, um olhar lançado sobre um dos ombros. Em seguida, o homem mais jovem, pálido e encorpado, soltou o cinto de segurança e veio colocar-se ao nosso lado.

— É a Cecília Brady? — perguntou num tom acusador, como se eu estivesse a resistir-lhe. — Pensei tê-la reconhecido. Chamo-me Wylie White.

Ele podia ter omitido esta informação, porque, ao mesmo tempo, uma outra voz disse: «Cuidado, Wylie!», e um homem passou rente a ele no corredor encaminhando-se para o *cockpit*. Wylie White assustou-se e, ligeiramente atrasado na resposta, gritou para o outro num tom de desafio: «Só recebo ordens do piloto!»

Reconheci o género de brincadeira que é comum em Hollywood entre os homens do poder e os seus satélites.

A hospedeira censurou-o:

— Mais baixo, por favor; alguns dos passageiros estão a dormir.

Reparei então que o outro homem que estava do outro lado da coxia, o judeu de meia-idade, se pusera de pé também, e estava a olhar fixamente, com uma desavergonhada e moderada devassidão, para o homem que tinha passado em direcção ao *cockpit*. Ou antes, estava a olhar para as costas do homem, que acenou então com uma das mãos uma espécie de gesto de despedida, desaparecendo depois do meu campo de visão.

— É o co-piloto? — perguntei à hospedeira.

Ela estava a desapertar o nosso cinto de segurança, prestes a entregar-me à companhia de Wylie White.

— Não. Aquele é o Senhor Smith. Ele ocupa o compartimento particular, a «suite dos noivos». Só que está lá sozinho. O co-piloto usa uniforme. — Levantou-se. — Vou saber se descemos em Nashville.

Wylie White mostrou-se consternado.

— Porquê?

— Está a aproximar-se uma tempestade do vale do Mississippi.

— Quer dizer que temos de ficar aqui uma noite inteira?

— Se isto se mantiver!

Uma inclinação súbita do avião indicou que sim. O mergulho do avião atirou Wylie White para o lugar diante do meu, arrastou precipitadamente a hospedeira na direcção do *cockpit*, e fez sentar o judeu. Depois das exclamações, estudadas e serenas, de aborrecimento que estavam

de acordo com passageiros habituados a voar, todos se aquietaram. Seguiram-se as apresentações.

— Miss Brady, Senhor Schwartz — disse Wylie White. — Ele é também um grande amigo do seu pai.

O Senhor Schwartz acenou afirmativamente com a cabeça, tão vigorosamente que quase podia ouvi-lo dizer: «É verdade. Deus é minha testemunha de que é verdade!» Possivelmente, já teria dito isto mesmo, em voz alta, alguma vez na sua vida, mas era, obviamente, um homem a quem tinha acontecido alguma coisa. Conhecê-lo era como encontrar um amigo que tivesse sofrido uma luta a soco ou uma colisão, e tivesse ficado de rastos. Nessas ocasiões, olhamos para o tal amigo e dizemos: «Que aconteceu?» E ele responde proferindo palavras ininteligíveis saídas de dentes partidos e lábios inchados, sem conseguir sequer contar o que se passou.

O Senhor Schwartz não tinha, fisicamente, quaisquer marcas especiais; o exagerado nariz persa e pálpebras escurecidas eram tão congénitos como o tom avermelhado tipicamente irlandês que o meu pai tinha à volta das narinas.

— Nashville! — gritou Wylie White. — Isto quer dizer que temos de ir para um hotel. Não chegamos à costa antes de amanhã à noite, se chegarmos. Meu Deus! Eu nasci em Nashville.

— Pensava que ia gostar de ver novamente o lugar onde nasceu.

— Nunca. Já lá não ponho os pés há quinze anos. Espero *nunca mais* lá voltar!

Mas ia lá voltar, porque o aparelho continuava, iniludivelmente, a descer, descer, descer, como Alice no País das Maravilhas descendo a toca do coelho.

Encostando a mão, como se fosse uma pala, ao vidro da janela, vi os contornos mal definidos da cidade, bem longe, para a esquerda. O letreiro verde: «Apertem os cintos — É proibido fumar» estava aceso desde que tínhamos entrado na tempestade.

— Ouviste o que ele disse? — perguntou Schwartz, do outro lado da passagem central, quebrando um dos seus silêncios causticantes.

— Ouvi o quê? — perguntou Wylie.

— Se ouviste o nome que ele se atribuiu — disse Schwartz. — Senhor Smith!

— E porque não? — perguntou Wylie.

— Nada — disse Schwartz imediatamente. — Só pensei que é engraçado. Smith! — Nunca tinha ouvido uma gargalhada tão pouco autêntica: — Smith!

Suponho que nunca existiu nada como os aeroportos desde os locais de paragem das diligências — nada tão solitário, tão silencioso e som-